

JOSEPH VON EICHENDORFF

Sortilégio de outono

("Die Zauberei im Herbst", 1808-9)

Eichendorff (1788-1857), poeta e narrador, é um dos mais felizes e leves autores do romantismo alemão; sua obra-prima é o breve romance História de um vagabundo (1826). Na novela que aqui apresento — a primeira que ele escreveu, aos vinte anos, mas publicada postumamente —, ele dá uma versão romântica de uma famosa lenda medieval, a história de Tannhäuser, que passa uma temporada no paraíso pagão de Vênus, visto como o mundo da sedução e do pecado. Essa lenda — que mais tarde Wagner transformou em ópera lírica — inspirará um outro conto de Eichendorff, "A estátua de mármore" (1819), ambientado na Itália. Mas aqui o país do pecado é uma espécie de duplo do nosso mundo, um mundo paralelo, sensual e angustiado. Passar de um mundo a outro é fácil, e mesmo o retorno ao nosso mundo não é impossível; mas o homem que, após ter sofrido um feitiço e ter escapado a ele, queria expiar suas culpas tornando-se um eremita opta no último momento pelo mundo encantado e se deixa arrastar por ele.

Saindo à caça numa serena tarde de outono, o cavaleiro Ubaldo afastara-se bastante dos seus e seguia a cavalo por entre solitárias montanhas cobertas por bosques quando de uma delas viu descer um homem com insólitas roupas coloridas. O estranho não deu pela sua presença até chegar bem perto dele. Ubaldo viu então, para sua surpresa, que o homem vestia um elegante gibão de ornamentos suntuosos que, à força do tempo, perdera contudo o brilho e saíra de moda. Seu rosto era belo, mas pálido e coberto por uma barba revolta.

Ambos se cumprimentaram perplexos, e Ubaldo explicou que tivera a infelicidade de perder-se por aquelas bandas. O sol já mergulhara atrás das montanhas, e aquele lugar era distante de toda habitação humana. Assim, o desconhecido propôs ao cavaleiro que pernoitasse com ele; na manhã seguinte, à primeira luz, indicar-lhe-ia o único caminho de saída daquelas montanhas. Ubaldo aceitou de bom grado e pôsse na trilha de seu guia por desfiladeiros de mata deserta.

Logo chegaram a um pico elevado, ao pé do qual fora escavada uma caverna espaçosa.

No centro dela havia uma grande pedra, sobre a pedra um crucifixo de madeira.

Um catre de folhas secas preenchia os fundos da cela. Ubaldo amarrou seu cavalo junto à entrada, enquanto seu anfitrião trazia em silêncio pão e vinho.

Tomaram ambos os seus assentos, e o cavaleiro, a quem as roupas do desconhecido pareciam pouco adequadas a um eremita, não pôde conter a pergunta sobre o seu passado.

"Não queiras saber quem eu sou", respondeu secamente o eremita, e seu rosto fez-se sombrio e hostil.

Em contrapartida, Ubaldo notou que ele escutava com toda a atenção e depois ficava absorto em pensamentos quando o cavaleiro começava a contar algumas de suas jornadas e os feitos gloriosos que praticara na juventude. Exausto, Ubaldo por fim deitou-se no leito de folhas que lhe era oferecido e logo pegou no sono, enquanto seu anfitrião sentava-se à entrada da caverna.

No meio da noite, perturbado por sonhos agitados, o cavaleiro despertou e ergueuse na cama. Fora, a lua muito clara banhava o contorno silencioso das montanhas.

Na boca da caverna, viu seu anfitrião andar inquieto de lá para cá sob árvores altas, oscilantes. Entoava com voz surda uma canção da qual Ubaldo só podia ouvir, a intervalos, mais ou menos as seguintes palavras:

O medo me arranca do abismo,

Velhas melodias me estendem a mão —

Doces pecados, deixem-me em paz!

Ou me lancem de vez por terra

Ante o feitiço dessa canção,

Escondendo-me no seio da terra!

Deus! Eu queria orar com fervor,

Mas as imagens do mundo sempre

Sempre se põem entre mim e ti,

E o sibilo dos bosques ao redor

Enche a minha alma de terror,

Ó Deus severo, tenho medo de ti!

Ah, rompe também meus grilhões!

Para salvar toda a humanidade

Sofreste afinal em morte amarga.

Vagando junto aos portões do inferno,

Ah, como me encontro perdido!

Jesus, ajuda-me na minha aflição!

Terminada a canção, sentou-se numa pedra e pareceu murmurar umas preces imperceptíveis que mais soavam como confusas fórmulas mágicas. O rumor dos riachos das montanhas vizinhas e o leve farfalhar dos pinheiros uniram estranhamente as vozes num só canto, e Ubaldo, vencido pelo sono, deixou-se cair outra vez no leito.

Mal luziram os primeiros raios da manhã entre as copas das árvores e o eremita já se achava de pé diante do cavaleiro, para lhe indicar o caminho entre os desfiladeiros. Bem-disposto, Ubaldo montou seu cavalo e a seu lado cavalgava em silêncio seu misterioso guia. Logo alcançaram o cume da última montanha, de lá se abriu subitamente a seus pés a planície fulgurante de rios, cidades e castelos na mais bela claridade da manhã. O próprio eremita parecia surpreso.

“Ah, que beleza é o mundo!”, exclamou, comovido, cobriu o rosto com as duas mãos e às pressas tornou aos bosques.

Balançando a cabeça, Ubaldo tomou então o caminho familiar rumo a seu castelo. A curiosidade no entanto logo o fez voltar a essas paragens ermas, e com algum esforço encontrou a caverna onde, dessa vez, o eremita o recebeu de forma menos sombria e taciturna.

Que ele desejava sinceramente expiar pecados graves, isso Ubaldo já concluíra daquela canção noturna, mas lhe parecia que esse espírito lutava em vão com o inimigo, pois em seu comportamento nada havia da serena confiança de uma alma

devotada a Deus, e muitas vezes, sentados juntos para conversar, uma ansiedade terrena fortemente reprimida irrompia com força quase hedionda dos irrequietos olhos flamejantes do homem, parecendo embrutecer estranhamente todas as suas feições e transformá-las por completo.

Isso instigou o pio cavaleiro a amiudar as suas visitas a fim de proteger e resguardar essa alma vacilante com toda a força de um espírito puro, imaculado. Sobre seu nome e vida pregressa, no entanto, o eremita guardou silêncio todo esse tempo; o passado parecia fazê-lo estremecer. Mas a cada visita ele se tornava visivelmente mais calmo e confiante. Por fim, o bom cavaleiro logrou até mesmo convencê-lo a que o seguisse a seu castelo.

Já caíra a noite quando chegaram ao forte. O cavaleiro fez acender uma lareira aconchegante e mandou vir do melhor vinho que possuía. O eremita pareceu sentir-se à vontade pela primeira vez. Observou com toda a atenção uma espada e outras armas que cintilavam à luz do fogo penduradas na parede, e então contemplou o cavaleiro em silêncio, longamente.

"És feliz", disse, "e admiro a tua figura robusta, elegante e viril com verdadeiro temor e reverência, como vives impassível a mágoa e o júbilo e levas a vida sereno, ao mesmo tempo que pareces entregar-te a ela por inteiro, tal qual um marinheiro que sabe muito bem como manejar o leme e não se deixa confundir em seu curso pela maravilhosa canção das sereias. Na tua presença já me senti várias vezes como um tolo covarde ou como um louco. Há pessoas inebriadas de vida — ah, como é terrível ficar sóbrio outra vez de um só golpe!"

O cavaleiro, que não queria perder a oportunidade de tirar proveito desse singular arroubo de seu hóspede, insistiu com bondade que ele afinal lhe confiasse a história de sua vida. O eremita ficou pensativo.

"Se me prometeres", disse por fim, "manter eterno segredo daquilo que te contar, e me permitires omitir todos os nomes, eu o farei."

O cavaleiro estendeu-lhe a mão e prometeu-lhe satisfeito aquilo que ele pedia, e mandou chamar sua esposa, por cujo silêncio se responsabilizava, a fim de que ela

também tomasse parte na história pela qual ambos ansiavam havia tempo.

Ela apareceu, com uma criança no colo e levando a outra pela mão. Era uma figura alta, bela em sua juventude em declínio, quieta e doce como o crepúsculo, a própria beleza minguante refletida nas adoráveis crianças. O estranho perturbou-se seriamente ao vê-la. Abriu as janelas de par em par e contemplou por alguns instantes a extensão noturna da floresta, para refazer-se. Mais calmo, tornou a eles; todos se aninharam ao redor da lareira chamejante, e ele pôs-se a falar da seguinte maneira:

"O sol de outono erguia-se ameno e tépido sobre a névoa colorida que cobria os vales em torno do meu castelo. A música dissipara-se, a festa chegara ao fim, e os joviais convivas retiravam-se para todos os lados. Era uma festa de despedida que eu oferecia a meu melhor companheiro, que naquele dia, junto com seu séquito, abraçara a causa da Santa Cruz para ajudar o exército cristão a conquistar a Terra Prometida. Desde a nossa mais tenra juventude essa empreitada era o único objeto de nossos desejos, esperanças e sonhos, e ainda hoje me invade muitas vezes uma indescritível nostalgia daqueles tempos tranqüilos, de manhãs tão belas, quando nos sentávamos juntos sob as tílias esguias na encosta rochosa de meu forte e seguíamos em pensamento as nuvens que vogavam para aquele abençoado país de maravilhas onde viviam e lutavam Godofredo e outros heróis no esplendor da glória. Mas como tudo mudou rápido dentro de mim! Uma donzela, a flor de toda a beleza, que eu vira apenas algumas vezes e por quem, sem que ela soubesse, nutri desde o início um amor invencível, mantinha-me cativo no calmo baluarte dessas montanhas. Agora que eu era forte o bastante para combater, era incapaz de me separar e deixava que meu amigo partisse só. Ela também estivera presente à festa, e eu me regalava com desmedida felicidade no reflexo de sua beleza. Quando de manhã ela fez menção de partir e eu a ajudei a montar no cavalo, atrevi-me a revelar-lhe que somente por causa dela eu desistira da expedição. Nenhuma resposta ela deu, mas arregalou-me os olhos como que assustada e partiu a galope."

A essas palavras, o cavaleiro e sua mulher entreolharam-se com visível sobressalto.

O estranho, porém, não percebeu e continuou:

"Todos haviam ido embora. O sol brilhava pelas altas janelas ogivais nos aposentos vazios, onde agora só ecoavam meus passos solitários. Debrucei-me longamente na sacada; dos bosques tranquilos embaixo ressoava o golpe de um ou outro lenhador. Um indescritível arroubo de nostalgia apoderou-se de mim nessa minha solidão. Não pude mais suportar, lancei-me sobre meu cavalo e saí à caça, para desafogar meu coração oprimido.

"Vaguei por um bom tempo e encontrei-me afinal, para surpresa minha, numa parte do território que até então me era totalmente desconhecida. Cavalgava pensativo, com meu falcão no braço, por uma campina magnífica, sobre a qual os raios do sol poente incidiam oblíquos; as teias de outono voavam feito véus pelo sereno ar azul; acima das montanhas sopravam as canções de adeus das aves migratórias.

"Súbito ouvi várias trompas de caça que, a certa distância das montanhas, pareciam responder uma à outra. Algumas vozes as acompanhavam com canto. Nunca antes música alguma me preencheria com nostalgia tão maravilhosa como esses timbres, e ainda hoje me recordo de várias estrofes da canção, tal como me soprou o vento entre os acordes:

Em riscas amarelas e vermelhas

Migram os pássaros lá no alto.

Aflitos vagueiam os pensamentos,

Ah!, não encontram refugio algum,

E as queixas sombrias das trompas

Golpeiam só a ti, coração solitário.

Vês a silhueta das montanhas azuis

Ao longe, erguendo-se da floresta,

Os riachos que no vale tranqüilo

Seguem murmurejantes ao longe?

Nuvens, riachos, pássaros alegres,

Tudo se confunde na distância.

Dourados meus cachos ondeiam,
Doce meu corpo jovem floresce —
Logo a beleza também fenece,
Tal como esmorece o brilho do verão;
A juventude tem de vergar suas flores,
Ao redor as trompas todas silenciam.
Braços delgados para abraçar,
Boca vermelha para o doce beijo,
Brancos seios para neles se aquecer,
Ricas, plenas juras de amor
Oferecem-te os timbres das trompas.
Vem, amor, antes que se dissipem!

"Fiquei deslumbrado com esses acordes que me penetraram o coração. Meu falcão, assim que se ergueram as primeiras notas, espantou-se, alçou vôo com um guincho estridente, desapareceu nos ares e nunca mais voltou. Mas eu fui incapaz de resistir e continuei a seguir a sedutora canção das trompas, que, confundindo os sentidos, ora soavam como que à distância, ora se avolumavam com o vento.

"Assim foi até que eu finalmente saí da floresta e avistei um castelo rutilante situado sobre uma montanha bem à minha frente. Ao redor do castelo, do cume até a floresta embaixo, um magnífico jardim nas cores mais variadas, circundava o edifício como um anel mágico. Todas as suas árvores e seus arbustos, tingidos pelo outono com muito mais força que noutras partes, eram vermelho-púrpura, amarelo-ouro e vermelho-fogo; sécias elevadas, esses últimos astros do verão minguante ardiavam ali em múltiplo esplendor. O sol poente lançava os seus raios no adorável outeiro, nas fontes e nas janelas do castelo, que luziam ofuscantes.

"Percebi então que os acordes de trompa que ouvira antes provinham desse jardim, e em meio ao fulgor de sarmentos selvagens de videira eu vi, com o mais íntimo assombro, a donzela que povoava todos os meus pensamentos, andando de lá para cá, ela própria a cantar entre os acordes. Ao avistar-me, calou-se, mas as trompas

seguiram soando. Belos jovens com roupas de seda acorreram solícitos e levaram-me o cavalo.

“Atravessei o portão gradeado finamente revestido de ouro no terraço do jardim onde se achava a minha amada e sucumbi, subjugado por tamanha beleza, a seus pés.

Ela usava um vestido vermelho-escuro; véus longos, transparentes como os fios leves do outono, adejavam ao redor dos cachos louro-dourados, apanhados sobre a fronte por um suntuoso diadema de pedras preciosas.

"Ela ergueu-se afetuosa e, numa voz enternecedora, como entrecortada por amor e pesar, disse: 'Jovem belo e infeliz, como eu te amo! Há muito eu te amo, e quando o outono dá início a seu misterioso festival, a cada ano desperta o meu desejo com nova e irresistível força. Infeliz! Como vieste parar no círculo dos meus acordes? Deixa-me e foge!'.”

Estremeci a essas palavras, e implorei-lhe que continuasse a me falar e se explicasse em mais detalhes. Mas ela não respondeu, e andamos lado a lado em silêncio pelo jardim.

"Nesse meio-tempo fez-se noite. Espalhou-se então uma grave majestade sobre toda a sua figura.”

"Pois fica então sabendo', disse ela, 'que teu amigo de infância, que hoje se despediu de ti, é um traidor. Fui forçada a ser sua noiva. Por puro ciúme ele escondeu de ti o seu amor. Ele não partiu para a Palestina; virá amanhã para me buscar e me esconder para sempre num castelo distante, longe dos olhos humanos. Agora tenho de ir. Se ele não morrer, nunca mais nos veremos.'”

"Dizendo essas palavras, pousou-me um beijo nos lábios e desapareceu nas passagens escuras. Uma pedra de seu diadema cintilou com brilho gélido em meus olhos quando ela se foi; seu beijo queimava-me com volúpia quase terrível em todas as minhas veias.”

"Ponderei então com pavor as palavras funestas que, ao despedir-se, ela instilara como veneno em meu sangue impoluto, e vaguei longamente, absorto em pensamentos, pelas veredas solitárias. Exausto, por fim estirei-me nos degraus de

pedra diante do portão do castelo; as trompas continuavam a soar, e eu adormeci em meio a estranhos pensamentos.”

"Quando abri os olhos, já clareara o dia. Todas as portas e janelas estavam firmemente cerradas, o jardim e toda a paisagem estavam calmos. Nessa solidão, despertou a imagem da amada e de todo o sortilégio da tarde anterior com novos matizes de beleza matutina em meu coração, e senti em cheio a felicidade de ser correspondido no amor. Às vezes, é verdade, quando aquelas terríveis palavras me voltavam à lembrança, meu impulso era fugir para longe dali; mas o beijo ainda me ardia nos lábios, e eu era incapaz de sair do lugar.”

"Soprava um vento cálido, quase sufocante, como se o verão quisesse voltar atrás. Saí andando ao léu pela floresta vizinha, perdido em devaneios, para distrair-me com a caça. Foi então que vi na copa de uma árvore um pássaro de plumagem tão magnífica como jamais vira antes. Quando retesei o arco para atirar, voou rápido para outra árvore. Segui-o com avidez, mas o belo pássaro continuava a esvoaçar de copa em copa, suas asas rebrilhando à luz do sol.

"Cheguei assim a um vale estreito, cercado de rochas escarpadas. Nem ao menos um bafejo de ar infiltrava-se até ali; tudo ainda estava verde e florido como no verão. Um canto avolumou-se inebriante do centro desse vale. Atônito, verguei os galhos do arbusto cerrado junto ao qual me encontrava — e meus olhos baixaram-se ébrios e ofuscados pelo encanto que lá me era revelado.

"No círculo das rochas escarpadas havia um lago de águas calmas, junto ao qual heras e singulares flores de junco trepavam com opulência. Várias moças banhavam seus belos corpos ao som de cantigas, submergiam-nos e tornavam a emergi-los das águas tépidas. Acima de todas elas estava a donzela suntuosa, sem véus, que, em silêncio, enquanto as outras cantavam, contemplava as ondas brincando voluptuosas ao redor de seus tornozelos, como que fascinada e absorta na imagem de sua própria beleza refletida no extasiado espelho d'água. De pés plantados, com ardentes calafrios lá fiquei por longo tempo, até que o belo grupo deixou a água e eu me afastei às pressas para não ser descoberto.

"Meti-me na floresta mais densa para arrefecer as chamas que devoravam meu íntimo. Mas quanto mais fugia, mais vivas aquelas imagens dançavam diante de meus olhos, mais eu era consumido pelo fulgor daqueles corpos juvenis."

"A noite que caía apanhou-me ainda na floresta. O céu inteiro transformara-se e escurecera nesse meio-tempo; uma tempestade agreste passou sobre as montanhas. 'Se ele não morrer, nunca mais nos veremos!', eu não parava de repetir para mim mesmo, e corria como se acossado por fantasmas."

"Por vezes me parecia ouvir a meu lado o estampido de cascos de cavalos na floresta, mas eu me furtava a todo rosto humano e fugia de todo ruído tão logo parecia aproximar-se. O castelo de minha amada eu avistava várias vezes quando chegava a uma elevação, situado à distância; as trompas tornaram a cantar como na noite anterior; o brilho das velas difundia-se como um tênue luar por todas as janelas e iluminava magicamente à volta o círculo das árvores e flores adjacentes, enquanto lá fora toda a paisagem atracava-se em tempestade e trevas."

"A ponto de perder o controle dos meus sentidos, escalei finalmente uma rocha íngreme sob a qual corria um ribeirão estrondeante. Quando cheguei ao topo, ali avistei uma figura escura sentada sobre uma pedra, quieta e imóvel, como se ela própria fosse de pedra. As nuvens lançavam-se pelos céus, dilaceradas. A lua surgiu vermelho-sangue por um instante — e eu reconheci meu amigo, o noivo de minha amada. Ergueu-se assim que me viu, rápido e a prumo, tanto que estremei por dentro, e agarrou sua espada. Em fúria, caí sobre ele e o preendi com os dois braços. Lutamos por alguns momentos, até que por fim arremessei-o pedra abaixo no abismo."

"Súbito fez-se silêncio nas profundezas e ao redor, só o ribeirão embaixo rugia com mais força, como se toda a minha vida pretérita estivesse sepultada sob essas águas turbulentas e tudo fosse para sempre passado."

"Corri em disparada para longe daquele lugar terrível. Foi então que me pareceu ouvir uma risada estrepitosa, perversa, como se viesse da copa das árvores às minhas costas; ao mesmo tempo, na confusão dos meus sentidos, supus rever o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

